



**CADERNOS DE
ESTUDOS
SOCIAIS**
v.36, n.1, 2021
e-ISSN: 2595-4091

Autor 1: **Jefferson Lindbergh de Sousa**
ORCID: 0000-
Filiação: Fundação Joaquim Nabuco
(FUNDAJ)

Autor 2: **José Luiz Gomes da Silva**
ORCID: 0000-
Filiação: Fundação Joaquim Nabuco
(FUNDAJ)

**Trabalho submetido em
04/11/2019 e aprovado em
01/04/2020.**
DOI: 10.33148/CES25954091
V36n1(2021)1864

A HOMOGENEIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA RAÇA NEGRA E AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS CULTURAIS

RESUMO

A partir da questão de pesquisa – Como está representada a raça negra na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste? – surge o pressuposto da prevalência de uma política de identidade em detrimento de uma política da diferença na representação da raça negra na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste. Sob a orientação pós-estruturalista, a teoria da identidade e da diferença norteia este estudo apoiado em Hall (1997; 2006; 2008), Silva (2007) e Woodward (2007). Com a abordagem metodológica interpretativista e estratégia de pesquisa a análise de discurso realizadas em transcrições de ex-servidores e produções bibliográficas institucionais, nossas considerações finais trazem o predomínio da política de identidade e contribuições em Administração, Ciência Política, Museologia e Educação.

PALAVRAS-CHAVE:

Política da diferença; Política da identidade; Organizações museais

CULTURAL IDENTITY HOMOGENIZATION OF THE BLACK RACE AND THE CONTRIBUTIONS OF CULTURAL STUDIES

ABSTRACT

This article emerges the assumption of the prevalence of an identity policy to the detriment of a policy of difference in the black race representation in the first permanent exhibition of the Northeastern Man Museum (Brazilian Northeastern Man Museum) from its research question – How is the black race represented in the first permanent exhibition of the Museu do Homem do Nordeste? Under post-structuralist orientation, the theory of identity and difference guides this study supported by Hall (1997, 2006, 2008), Silva (2007) and Woodward (2007). With the interpretative methodological approach and the Discourse Analysis research strategy carried out in transcripts of ex- employees and institutional bibliographical productions, our final considerations bring the predominance of identity politics and contributions in Administration, Political Science, Museology and Education.

KEYWORDS: Politics of difference; Identity policy; Museum organizations.

LA HOMOGENEIZACIÓN DE LA IDENTIDAD CULTURAL DE LA RAZA NEGRA Y LAS CONTRIBUCIONES DE LOS ESTUDIOS CULTURALES

RESUMEN

De la pregunta de investigación: ¿cómo se representa a la raza negra en la primera exposición permanente del Museo del Hombre del Noreste? - Surge el supuesto de la prevalencia de una política de identidad en detrimento de una política de diferencia en la representación de la raza negra en la primera exposición permanente del Northeastern Man Museum. Bajo la orientación postestructuralista, la teoría de la identidad y la diferencia guía este estudio apoyado por Hall (1997, 2006, 2008), Silva (2007) y Woodward (2007). Con el enfoque metodológico interpretativo y la estrategia de investigación de Análisis del Discurso llevadas a cabo en transcripciones de ex funcionarios y producciones bibliográficas institucionales, nuestras consideraciones finales traen el predominio de las políticas de identidad y contribuciones en Administración, Ciencias Políticas, Museología y Educación.

PALABRAS CLAVES: Política de la diferencia; Política de identidad; Organizaciones museísticas.

Para citar este artigo: SOUSA, J. L.; SILVA, J. L. G. A homogeneização da identidade cultural da raça negra e as contribuições dos estudos culturais. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 36, n. 1, [in press], Jan./Jul., 2021.

DOI:10.33148/CES25954091v36n1(2021)1864

Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>.

Acesso em: dia mês, ano. [v. em edição].



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), sendo permitido que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho, desde que seja dado ao autor o devido crédito pela criação original e reconhecida a publicação nesta revista.

1 INTRODUÇÃO

O impacto da mudança contemporânea conhecida como sendo “globalização” vem se caracterizando pela ênfase no deslocamento, na descontinuidade, na fragmentação e na ruptura das estruturas sociais (GIDDENS, 1990; HARVEY, 1989; LACLAU 1990). Nesse sentido, a sociedade contemporânea vem sendo marcada pela “diferença”, ou seja, vem sendo perpassada por diferentes divisões e antagonismos sociais, cujas consequências desembocam em uma variedade de diferentes “posições de sujeitos” – ou identidades – para os indivíduos (HALL, 2006). Essa precariedade inerente à compreensão de identidade vem apresentando, segundo Laclau (1990), características positivas, uma vez que há possibilidades de emergir novas identidades, de produzir novos sujeitos, além de recompor a estrutura em torno de pontos nodais de articulação.

A questão da identidade vem pautando o debate trazido por Hall (2006) ao entender que nenhuma identidade singular, a exemplo de classe social, alinha todas as outras como sendo uma “identidade mestra”, única e abrangente com o objetivo de basear uma política. Há de se convir que os interesses variados e as diferentes identidades das pessoas não podem ser representados por um único dispositivo discursivo. Além disso, o autor argumenta que tendo em vista que a identidade muda de acordo com a maneira como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, já que pode ser obtida ou perdida. Por essa lógica, chancela-se uma mudança de uma política de identidade para uma política de diferença.

A perspectiva pós-estruturalista, suportada por este estudo, coaduna-se com Silva (2007) ao ligar identidade e diferença à representação como forma de dar-lhes sentido. Adicionalmente, o autor argumenta que, por meio da representação, tanto a identidade quanto a diferença se relacionam com sistemas de poder. Nesse entendimento, quem tem o poder de representar pode definir e determinar a identidade, ou ainda, questionar a identidade e a diferença significa questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. Assim, o enfoque pós-estruturalista concebe todo sistema de significação na condição de uma estrutura instável e indeterminada, além de questionar a noção clássica de representação.

A inquietação trazida por este estudo remete-nos a refletir acerca das representações no campo museal, em particular, as representações da raça negra na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), tendo em vista a ideação de se

instalar um museu representativo que pudesse trazer a ilustração de alguns aspectos significativos da comunidade local, conforme assinalam Oliveira e Chagas (1983). Por essa perspectiva, como está representada a raça negra na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste? Da questão de pesquisa, decorre o pressuposto deste estudo que aponta a predominância de uma política de identidade em detrimento de uma política de diferença.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo imbrica-se com algumas das principais características dos Estudos Culturais (EC) pela abertura e versatilidade teórica, no que tange ao espírito reflexivo e à importância atribuída à crítica. Contributivamente, os EC apontam críticas que, inversamente ao que se entende por pejorativa ou negativa, abordam, de modo distinto, aquilo que vem sendo tradicionalmente tratado. Ressalta-se que os EC propõem examinar as práticas culturais e sua relação com o poder, bem como entender a cultura e toda a complexidade de suas formas com vistas à análise do contexto político e social em que se manifesta (SARDAR, LOON, 2005; JOHNSON, 2006).

Há pertinência da análise de um contexto político e social com as perspectivas ontológica e epistemológica – discurso e linguagem, respectivamente – abarcadas por este estudo, uma vez que Hall (2008) demarca a fixação de sentidos dominantes de leituras dos agentes comunicacionais pela ênfase dada aos particulares estilos de vida. Logo, a linguagem não é neutra e, sim, carregada de ideologia. No tocante à perspectiva ontológica – o discurso – faz-se necessário se debruçar em torno da produção de sentidos e suas condições de existência com o intuito de observar a maneira como o mundo é significado.

A orientação pós-estruturalista deste estudo alinha-se com os EC ao reconsiderar alguns pressupostos básicos da vertente estruturalista, a exemplo de signo estável e sujeito unificado, em paralelo à rejeição e ao alargamento dos limites de outros. Esse posicionamento vem sendo explicitado por Williams (2013) na medida em que a orientação pós-estruturalista pode desconstruir uma dada estrutura, ou se opor a qualquer certeza absoluta mediante práticas críticas e criativas, ou ainda se tornar contrário a todas as formas de essencialismo, determinismo e naturalismo para que a verdade seja uma questão de perspectiva em vez de uma ordem absoluta.

O movimento filosófico do pós-estruturalismo iniciou-se na década de 1960 como sendo uma posição divergente das ciências e dos valores morais estabelecidos. Aparentemente, o pós-estruturalismo busca romper com o estruturalismo, mas existem pontos comuns entre os quais se destacam a linguística, que recebe significativas considerações, o caráter arbitrário do signo, a primazia do significante sobre o significado e a atenção dada ao texto (GIDDENS, 1999; COSTA, VERGARA, 2012). Em relação às divergências entre as duas abordagens, Dosse (2007) destaca a proposição pós-estruturalista em reavaliar o lugar social do sujeito e da prática social por meio de um pensamento que valorizaria a ação.

Há de se destacar a prática pós-estruturalista na expansão do entendimento estável, fixo e uno atribuído ao termo “identidade” em três diferentes formas: pelas perspectivas dos sujeitos iluminista, sociológico e descentrado (BAKER, GALASINSK, 2001). O sujeito iluminista está calcado num indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação; no sujeito sociológico, existe a consciência de que seu núcleo interior não era autônomo e autossuficiente, porém edificado no relacionamento com pessoas capazes de trazerem valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura do mundo em que estão inseridos; com as mudanças estruturais da sociedade contemporânea, o sujeito vem se tornando fragmentado ou sujeito descentrado: sua formação não está em uma única, mas em várias identidades, algumas contraditórias e não resolvidas (HALL, 2006).

Faz-se necessário, no entanto, compreender identidade e diferença, a partir da perspectiva trazida por Woodward (2007). Para a autora, a identidade é relacional, enquanto a diferença se estabelece por uma marcação simbólica relativa a outras identidades. Nesse sentido, pode-se perceber o imbricamento entre identidade e diferença. Há, entretanto, a possibilidade de algumas diferenças serem obscurecidas, por exemplo, pelo fortalecimento da identidade nacional. Dessa forma, a diferença pode ser construída de forma negativa – por exclusão ou marginalização – ou como sendo origem da diversidade, heterogeneidade e hibridismo. Woodward (2007) vem argumentando que a maioria dos sistemas de pensamento se detém aos dualismos para expressar a diferença, o que tem gerado oposições binárias e, conseqüentemente, um desequilíbrio de poder e certa valorização de um termo sobre outro. Deve-se ressaltar que a identidade – como também a diferença – não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. Não é homogênea, definitiva, acabada. Segundo Silva (2007), trata-se de uma construção, um processo de produção. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, está ligada às estruturas discursivas e estreitas ligações com as relações de

poder. Além disso, a identidade se liga aos sistemas de representação. Tal perspectiva vem dimensionando duas outras abordagens: o conceito de identidade colocado “sob rasura” por Hall (2007, p.104), tendo em vista estar compreendida a partir da instabilidade, fragmentação e contradição e a expressiva ligação entre identidade, diferença e representação examinada por Woodward (2007), uma vez que a identidade se liga às práticas discursivas e às relações de poder.

O conceito de identidade que a concebe integral, originária e unificada tem sido desconstruído por uma abordagem que coloca paradigmáticas definições “sob rasura”. Nesse sentido, Hall (2007) informa que o sinal de “rasura (X)” caracteriza a inutilidade do termo original, mas pelo fato de não haver outro vocábulo substituto, continua sendo utilizado na perspectiva destotalizada e desconstruída. O autor argumenta que identidade vem sendo um conceito que funciona “sob rasura” em um intervalo entre a inversão e a emergência, de forma que se trata de uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual algumas significativas questões não poderiam ser sequer pensadas.

A abordagem decorrente da ligação entre identidade, diferença e representação vem sendo examinada por Woodward (2007). Para tanto, torna-se imprescindível observar a análise desenvolvida por Hall (1997) na relação cultura e significado. Diante da expressiva dificuldade da definição de cultura, apropria-se do termo como sendo um processo, um conjunto de práticas em que há produção e troca de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. Essa perspectiva impulsiona a Woodward (2007) a afirmar que compreender os significados de um sistema irá depender da posição de sujeito produzida e como podemos estar posicionados em seu interior. Dessa forma, a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos e nos posiciona na condição de sujeito.

Vale salientar que os sistemas simbólicos possibilitam o que somos e o que podemos nos tornar. A representação institui identidades individuais e coletivas, de modo que os sistemas simbólicos da sua base respondem o que eu sou o que poderia ser e quem eu quero ser. Assim, os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e a partir dos quais podem falar. Adicionalmente, vale salientar que o poder da representação, além do fato de como e porque alguns significados são preferidos relativamente a outros. Por essa lógica, as práticas de significação produzem

significados e envolvem relações de poder, de maneira que o poder define quem está incluído e quem está excluído (WOODWARD, 2007).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Natureza do estudo

A natureza do conhecimento, os métodos pelos quais se podem extrair este conhecimento e a natureza do fenômeno investigado são elementos que influenciam, sobremaneira, o tipo de abordagem metodológica utilizada. Nesse sentido, a escolha da abordagem qualitativa para a realização deste estudo vem configurando aproximações com as subjetividades das relações sociais sob a reflexão adotada pela lente teórica, pelo objeto pesquisado, além do tipo de análise e dos perfis dos pesquisadores (FLICK, 2004; CRESWELL, 2010).

A base ontológica e epistemológica dos Estudos Culturais da escola de *Birmingham* pauta-se no dialoguismo e na perspectiva multidimensional de se pensar e enxergar o mundo. Isso revela a dinamicidade dos aspectos culturais de diferentes realidades sociais (SAUKKO, 2003). Adicionalmente, as pesquisas dentro dos Estudos Culturais são historicamente autorreflexivas com feições emancipatória, crítica e interdisciplinar frente à dominação de práticas culturais objetivistas e normativas que assujeitam o ser humano às imposições capitalistas. Nessa perspectiva, houve a preocupação com a experiência vivida e desenvolvida no âmbito de dimensões sócio-históricas sob a compreensão de práticas e posições discursivas a partir de uma perspectiva contemporânea (LINCOLN, GUBA, 2010; DENZIN, LINCOLN, 2010; HATCH, CUNLIFFE, 2012).

Ressalta-se, neste estudo, a assimilação com o projeto metodológico dos Estudos Culturais alicerçado em torno de três dimensões, a saber, os discursos ou textos, as experiências vividas e o contexto social (SAUKKO, 2003). Tal orientação traz um significativo desafio, já que nas três áreas apontadas há enfoques em diferentes abordagens metodológicas que foram utilizadas neste estudo, tais como as entrevistas que incluem os discursos, os registros imagéticos que retratam as experiências vividas no cotidiano e um levantamento documental do *locus* de pesquisa com vistas à contextualização sócio-histórica.

O discurso contemporâneo caracteriza-se como sendo um significante de múltiplos significados em forma de textos. Assim, a Análise de Discurso (AD) pode trazer à tona contradições que devem ser desvendadas e interpretadas. As abordagens metodológicas interpretativistas estão dentro do escopo desta pesquisa porque ilustram um tipo de análise dinâmica e de multiperspectiva (BAUDRILLARD, 1983; SAUKKO, 2003). Soma-se o fato de que, em uma linha de investigação pós-estruturalista, leva-se em conta o esforço de descobrir os diferentes olhares que compõem determinadas realidades, além da perspectiva que não há maneira imparcial de compreender o mundo e da reflexão de se repensar as verdades absolutas que se deitaram ao longo do tempo (SAUKKO, 2003).

A estratégia adotada nesta pesquisa foi estudo de caso. Para tanto, foi escolhida a primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste por ser um dos marcos episódicos¹ mais significantes na trajetória do equipamento cultural que é nosso lócus de pesquisa.

3.2 A construção do *Corpus*

Para a construção do *Corpus*, preliminarmente, buscou-se, sob o auxílio de dispositivos eletrônicos, publicações científicas especializadas, documentação institucional e registros imagéticos com o intuito de coletar informação confiável acerca do projeto de implantação e da montagem expositiva pertinente à criação do Museu do Homem do Nordeste com vistas à representatividade de dados e à composição do *Corpora*. Essa busca teve como limite a repetição constante de dados com pouco valor informativo.

A construção do *Corpus* deste estudo perpassa a ideia de uma coletânea de textos naturais escolhidos sob a caracterização de um estado ou práticas discursivas. Por essa ótica, a noção de texto natural abarca tanto aquele que existe na linguagem e não tem sido propositalmente criado para o *Corpus*, como também o que tem sido produzido por seres humanos (SINCLAIR, 1991; SARDINHA, 2000).

As primeiras ações se coadunaram com a posição de Davis (2008), quando afirma que a escolha de textos com as áreas de pesquisa varia consideravelmente, tendo em vista que a

¹ Autores como Sousa e Paiva Jr (2012) vêm usando a expressão marco episódico para cada demarcação que apresentasse relevância institucional, de forma que entre um e outro marco episódico imediato evoluíram processos de institucionalização, uma vez que se assegurou a potencialidade de atores organizacionais e individuais para criarem novas estruturas institucionais (TOLBERT; ZUCKER, 1998).

linguagem está contida em todas as maneiras de interação social e que os textos para análise podem ser encontrados em uma variedade de formas de mídia e configurações sociais. O autor assegura existirem os que escolhem observar os "códigos" ideológicos dominantes na cobertura de notícias; existem aqueles que coletam uma série de informações históricas, sociais, textos institucionais e os utilizam para deduzir discursos sociais que se referem ao poder e ao "Outro"; há os que decodificam a linguagem e o simbolismo dos textos visuais, de modo a relacionarem com valores sociais e culturais, desconstruem textos publicitários e os meios pelos quais eles tentam apelar para os consumidores.

Vale ressaltar que este estudo buscou a orientação de Bauer e Aarts (2002) no tocante aos três aspectos nas escolhas feitas durante a construção do *Corpus*: relevância, sincronicidade e homogeneidade. No tocante à relevância, a documentação institucional, as entrevistas e transcrições, as publicações científicas e os apontamentos *on-line* são teoricamente relevantes e foram coletados com vistas a responder a questão de pesquisa. Ou seja, cada dado coletado recebeu significativa atenção e diligência em relação a sua pertinência atrelada à primeira exposição do Museu do Homem do Nordeste.

No tocante à sincronicidade, observou-se o ciclo natural de estabilidade e mudança dos dados, visto que um *Corpus* representa determinado período na história e as informações devem ser oriundas de fontes do mesmo ciclo temporal. Por essa ótica, as fontes de dados estão inclusas em um espaço temporal coincidente com o da primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste.

Em relação à homogeneidade, Bauer e Aarts (2002) defendem que os materiais de um *Corpus* devem ser tão homogêneos quanto possível, ou seja, o material textual não deve ser misturado com imagens. Nesse sentido, há convergência com Bauer e Aarts (2002) ao compreenderem que imagens e textos devem ser separados em *Corpora* diferentes quando se pretende fazer comparações entre eles.

A questão da representatividade foi basilar na construção do *Corpus*, tendo em vista sua importância frente aos discursos que comporta. Nesse sentido, um *Corpus* não precisa ser o maior possível para ter representatividade, uma vez que, dependendo do propósito da pesquisa, pode ser representativo independente de seu tamanho. (SARDINHA, 2000). Por essa lógica, as transcrições da entrevista com Aécio de Oliveira (1938-2012) têm sido de significativa importância, visto que foi o responsável pela execução e montagem da primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste. Essas transcrições estão sendo

entendidas como entrevistas secundárias e receberam tratamento analítico a partir de um processo de codificação. A ilustração do processo de codificação envolve o tipo de entrevista secundária (texto) – EST – seguido das letras iniciais do entrevistado, ponto e vírgula e o ano.

Torna-se oportuno acrescentar que, segundo Minayo (2008), a questão de representatividade qualitativa do grupo, na fala do indivíduo, ocorre porque há uma relação intrínseca entre o comportamento social e individual com os modelos culturais interiorizados, os quais são revelados numa entrevista por refletirem o caráter mais geral e específico de um grupo. Paralelamente, o momento seguinte à coleta dos dados consistiu em selecionar os trechos de relevância aos procedimentos da AD, como demonstrado a seguir.

3.3 Estratégia e operacionalização da pesquisa

Em relação à estratégia de pesquisa, houve a utilização de estudo de caso (STAKE, 1999; CRESWELL, 2007, 2010). O estudo de caso se dá quando o pesquisador explora, de forma intensa, uma atividade, um processo ou ainda, um ou mais indivíduos. Por essa ótica, destaca-se o caráter inédito da montagem da primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste e chama a atenção pelas condições de produção cultural em um campo dotado de práticas discursivas.

Nos procedimentos metodológicos, a AD se fez necessária e pertinente, uma vez que Barker e Galasinski (2001) vêm argumentando a importância da virada linguística para o significado central da linguagem na compreensão do mundo e na constituição da cultura. Por essa perspectiva, o analista de discurso rejeita a perspectiva em que a linguagem vem sendo algo neutro para refletir ou descrever o mundo e, ao mesmo tempo, alinha-se com a ideia da centralidade do discurso na construção social (GILL, 2008).

O discurso tem sido visto como sendo uma prática social (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, pode-se pensar que todo discurso é circunstancial, uma vez que está relacionado com as intenções de alguém, bem como é contextualizado, ou seja, não apenas intervém em um contexto, já que constrói socialmente o sentido, ora nas interações orais entre duas pessoas, ora nas produções coletivas para um público amplo (MAINGUENEAU, 2015).

Há de ser registrado que, neste estudo, não se reconhece, como na Linguística, o trabalho com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso, que é objeto sócio-histórico, para que o linguístico venha a intervir como pressuposto. Com efeito, o discurso se torna a

matéria específica da ideologia e a língua a matéria específica do discurso. Assim, o discurso não é língua, nem texto, nem fala, mas necessita de componentes linguísticos para ter uma existência material (ORLANDI, 2007; FERNANDES, 2008).

Relacionar a linguagem com sua exterioridade traz ao analista de discurso as regularidades de produção e o leva a perceber como a linguagem está cristalizada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. O ato de envolver a linguagem e seu exterior remete às práticas pós-estruturais de forma crítica e construtiva. Com efeito, a orientação pós-estruturalista e a AD comungam rompimento com visões realistas da linguagem, bem como superam a noção de sujeito unificado (LACLAU, MOUFFE, 1985; ORLANDI, 2007; WILLIAMS, 2013).

A transição da ideia rejeitada de sujeito unificado até a concepção de sujeito descentrado trouxe mudanças no campo da AD registradas em três fases. Dessa forma, não há estranhamento em afirmar que a posição discursiva deste estudo se respalda na terceira fase da AD, uma vez que se compreende o sujeito como sendo dividido, clivado, cindido e descentrado. Tal perspectiva se funda na noção de que o sujeito não é um ponto, uma entidade homogênea, porém fruto de uma estrutura complexa que se constitui com seu outro e o inconsciente, que é a linguagem do desejo. Por essa lógica, a psicanálise procura formas de constituição na diversidade de uma fala heterogênea e decorrente de um sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente (BRANDÃO, 2004).

Torna-se fácil perceber que, se o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição. Assim, a presença de diferentes vozes integrantes na voz do sujeito, denomina-se Polifonia. Tendo em vista a não uniformidade do sujeito e a polifonia constitutiva do sujeito discursivo, destaca-se a noção de Heterogeneidade, que significa a constituição de elementos diversificados (FERNANDES, 2008).

A partir deste parágrafo, inicia-se a descrição da operacionalização da pesquisa, ou seja, a maneira que ela foi realizada. O *modus operandi* do estudo ocorreu com a utilização de uma análise cultural acerca da raça negra no acervo da primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste com suporte teórico de Hall (2008), Silva (2007) e Woodward (2007). Tais abordagens remeteram-nos ao seguinte tópico analítico: A Homogeneização da Identidade Cultural da Raça Negra.

O tópico analítico A Homogeneização da Identidade Cultural da Raça Negra vem tratando as estratégias utilizadas no discurso expositivo com relação à religião de matriz africana. Sob esse enfoque, a religião de matriz africana vem sendo discutida na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste de forma igualitária, sem expressar as diferentes crenças existentes nas tribos africanas que foram diaspORIZADAS pelo sistema escravagista colonial brasileiro. Para tanto, a emergência de elementos da AD foi fundamental na descortinação do caráter homogeneizador do discurso expositivo em análise. Memória Discursiva e Formação Discursiva foram os elementos da AD identificados em documentos institucionais, na transcrição de entrevistas com sujeitos discursivos do projeto História Oral.

3.4 Concebendo o lócus da pesquisa

O Museu do Homem do Nordeste vem sendo concebido na condição de *lócus* desta pesquisa e a sua primeira exposição permanente, o objeto de investigação. Para a compreensão da primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste (Muhne), faz-se necessário um breve histórico de fatos que precederam a primeira montagem expositiva do Muhne.

3.4.1 Breve histórico

Não há como descrever o histórico do Museu do Homem do Nordeste, por mais sucinto que seja, sem antes mencionar os preâmbulos de sua criação. Inaugurado em 21 de julho de 1979, e com o intuito de ser um laboratório de experiências museográficas aglutinador de fatores geográficos, psicológicos e intelectuais da mentalidade dos habitantes da região, o Museu do Homem do Nordeste teve como seu predecessor o Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS)², cujo acervo incorporavam as primeiras coleções de objetos da instituição, tais como os ex-votos oriundos das igrejas católicas de cidades do interior de Pernambuco (OLIVEIRA, CHAGAS, 1983; RUOSO, CRUZ, 2014).

² A Fundação Joaquim Nabuco, criada em 1949, vem sendo renomeada desde então. Inicialmente, denominava-se Instituto Joaquim Nabuco; em 1963 passou para Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Em 1980, modificou para Fundação Joaquim Nabuco (CRUZ, CASTRO, 2016).

Sob o vínculo do IJNPS, a ideação de um museu antropológico concebida por Gilberto Freyre conferia riqueza e importância para a instituição. Por essa perspectiva, o núcleo de estudos antropológicos do IJNPS, gênese do Departamento de Antropologia, encetou pesquisa e organização³ para enriquecer o acervo que, em torno do ano de 1964, veio compor o Museu de Antropologia do IJNPS (FREYRE, 1963; JUCÁ, 1991). A diversificação do acervo originário se justificava pela sua proveniência das mais diferentes regiões, o que atendia ao desejo freyriano por sintetizar a vida e a cultura do Norte e Nordeste agrários do Brasil com o objetivo de tornar-se um centro de estudo contemplado pela informação e pelos esclarecimentos de temas regionais voltados aos jovens universitários e escolares, bem como aos públicos nordestino e estrangeiro de passagem pela capital pernambucana para que possam ter um panorama geral, honesto e seguro das condições de vida, de habitação e de trabalho do homem brasileiro das diversas áreas da mesma região (JUCÁ, 1991).

Na sequência, sob o propósito de se instalar um museu representativo que pudesse trazer a ilustração de alguns aspectos significativos da comunidade local, o Museu do Homem do Nordeste foi concebido a partir da fusão de três museus: o do Açúcar o de Cultura Popular e o de Antropologia. Nesse contexto, os princípios museológicos que guiaram a organização do Museu do Homem do Nordeste se pautaram em observar a natureza e o comportamento do homem da região como também o funcionamento de outros museus, tendo em vista certa exaustão dos visitantes ao percorrerem a exposição de museus tradicionais. Sob essa lógica, a primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste abarcava a combinação de uma arquitetura de interior com uma apresentação ao ar livre, de modo a valorizar a importância política, social, histórica e econômica da feira ou do mercado na sociedade do Nordeste com o objetivo de recriar o ambiente análogo (OLIVEIRA, CHAGAS, 1983).

4 RESULTADOS

A relevância de uma política de diferença traz à tona ampliação do conhecimento, potencializa a cidadania e, conseqüentemente, abre as possibilidades de emancipação social. Nesse sentido, coadunamo-nos com Woodward (2007) ao informar que os discursos e os

³ Segundo Jucá (1991), os pesquisadores envolvidos na tarefa foram René Ribeiro e Waldemar Valente, esse último como sendo Diretor do Departamento de Antropologia do IJNPS.

sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam, como também podem falar para exemplificar o comportamento embasado em uma política de diferença no extrato a seguir:

[...] a gente quis mostrar aquela coleção de açucareiro, quando a gente viu açucareiro de ouro, de prata, de opalina, de porcelana de Sévres, mas a gente quis mostrar também um açucareiro de barro, o açucareiro de plástico, o de alumínio, todos os segmentos [...] (ESTAO, 1988).

Ao destacar a diversidade em uma coleção de açucareiros, infere-se à Memória Discursiva, um significativo elemento da AD que está veiculando à Formação Discursiva do sujeito discursivo. O entendimento da Memória Discursiva se ancora em Brandão (2007), uma vez que permite o surgimento, “a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes às formações discursivas historicamente contíguas” (BRANDÃO, 2007, p.96). Essa perspectiva remete ao aparecimento da alteridade como sendo o enunciado, devidamente expresso no extrato que se segue:

[...] era preciso que a gente tirasse aquela impressão e aquele culto ao sofisticado e um culto quase que permanente no Brasil que a gente está passando por uma coisa... o culto aos valores falsos e a gente se envergonhar dos grandes valores, e a gente chegar a confundir o que é grande valor e pequeno valor. Os valores estão sendo confundidos e a gente está neste mundo de falsidade de valores isto é muito prejudicial [...] (ESTAO, 1988).

Nota-se que a preocupação com o “outro” vem balizando o cuidado com o coletivo e, portanto, uma formação discursiva suportada por alicerces socializantes. Nesse sentido, este estudo coaduna-se com Silva (2007) ao entender que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso. Precipuamente, Hall (2007) vem afirmando que é por intermédio da relação com o “outro”, ou seja, da diferença e não fora dela, que a identidade pode ser constituída.

Por outro lado, uma política de identidade pode emergir a compreensão de identidade singular e, segundo Hall (2006), alinhar todas as outras como sendo uma “identidade mestra”, única e abrangente. Corre-se o risco, portanto, de se homogeneizar a identidade cultural de determinado segmento social, o que pode empobrecer uma rica diversidade cultural, tendo em vista os interesses variados e as diferentes identidades das pessoas não suportarem sua representação em um único dispositivo discursivo.

A intenção e a forma pela qual se amplia o discurso expositivo em um determinado campo museal revelam práticas que podem privilegiar e impulsionar uma política da diferença. Tais práticas hão de conter pensamentos e ações mais inclusivas possíveis, ou seja,

precisam atuar em vários campos do conhecimento. Cabe, aqui, a relação estabelecida por Hall (1997) entre cultura e significado, ao entendê-la como sendo um conjunto de práticas em que há produção e troca de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. Essa relação nos remete à ideia trazida por Silva (2007) acerca da identidade e diferença, a partir de um processo de produção, por estar ligada às estruturas discursivas e estreitas ligações com as relações de poder. Observemos, pois, o extrato a seguir:

[...] já desde interino e depois passei a efetivo, eu dei uma orientação mais para o negro, um estudo sobre o negro... e de modo especial a religiosa, afro-brasileira. Depois alarguei mais o campo, sobretudo quando me tornei efetivo e passei a estudar outras áreas da Antropologia, por exemplo, o Japonês no Nordeste Agrário, o Panteísmo, um pouco de Folclore também...Folclore Médico..., de modo que alargou-se muito, principalmente eu dei ênfase especial a Exposição do Negro, de um modo particular sobre as religiões afro-brasileiras aqui no Nordeste, de modo que deixei várias pesquisas: Sobrevivências Islâmicas dos Terreiros de Pernambuco, O Islamismo em Pernambuco, Sobrevivência Daomeanas nos Grupos de Culto Afro-Nordestinos, Tambores de Xangô e alguns trabalhos que eu tinha desenvolvido antes de entrar no Instituto Joaquim Nabuco [...] (ESTAO, 1988).

Podemos observar, no extrato imediatamente anterior, a intencionalidade do diretor do Departamento de Antropologia, Waldemar Valente, em enriquecer os achados científicos institucionais que subsidiariam o discurso expositivo precursor ao do Muhne: o do Museu de Antropologia. Adicionalmente, tanto a Polifonia quanto a Heterogeneidade, componentes de uma AD, segundo Fernandes (2008), permeiam a intencionalidade do sujeito discursivo, uma vez que diferentes vozes inserem-se nas questões do negro, da religião afro-brasileira, do Folclore, do Japonês, entre outros discursos, para consagrar o campo do conhecimento com a diversificação de elementos culturais.

As práticas discursivas que alimentaram a diversidade cultural, no Museu de Antropologia do IJNPS, foram desejadas por Gilberto Freyre, logo quando concebeu a ideia de sua criação. Conforme Jucá (1991):

[...] O acervo era diversificado em sua origem, proveniente das mais diferentes regiões, sintetizando, como bem expressou Gilberto Freyre, a vida e a cultura do Norte e do Nordeste agrários do Brasil, transformando-o “em um centro de estudo, de informação e de esclarecimento de assuntos regionais, onde a mocidade universitária, a juventude escolar, o público nordestino e os estrangeiros de passagem pela Capital de Pernambuco, possam adquirir uma visão geral, honesta e segura das condições de vida, de habitação e de trabalho do homem brasileiro das várias áreas da mesma região”[...] (JUCÁ, p. 114-115, 1991).

De fato, o pensamento museológico de Gilberto Freyre vem configurando os estudos de Chagas e Heitor (2017), de modo a apresentarem significativas contribuições acerca da organização de museus, como se segue:

[...] Os museus organizados sob o critério de valorização de cotidiano, ou de constantes, são o que principalmente vem buscando apresentar característicos de uma cultura ou de um *ethos*, que através de síntese regionais dessa cultura ou desse *ethos*, esclareçam traços complexos nacionais[...] (CHAGAS, HEITOR, p.98, 2017).

Encontramos, no extrato imediatamente anterior, a referência acerca da valorização do cotidiano, ou de constantes, como forma de representação cultural. Tal referência torna-se caudal do modelo aplicado pelo museólogo Aécio de Oliveira, responsável pela montagem da primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste, como se segue:

[...] *se convino en que lo principal era conseguir que un público acostumbrado al aire libre siguiera espontáneamente un circuito definido. Se decidió entonces combinar una arquitectura de interior y una presentación al aire libre. Para esto era vital reconocer la importancia política, social, histórica y económica de la feria o el mercado en la sociedad del Nordeste, sólo así se podría recrear el ambiente de la feria en las exposiciones de los museos [...]* (OLIVEIRA, CHAGAS, p.182, 1983).

Como podemos observar, o ambiente de feira ou de um mercado valorizaria o cotidiano dentro de um museu. No entanto, haveria de, em algumas situações, hibridizar essa alternativa com a tradicional “vitrine”:

[...] *Conviene aclarar que la idea de una exposición presentada con características de feria no es el único criterio museográfico adoptado por el museo aunque sea el principal. En alguns casos, fue indispensable recurrir a las vitrinas por razones de seguridad o para garantizar las mejores condiciones de conservación de los objetos. Pero incluso en las vitrinas se procuró obtener un equilibrio visual y una presentación agradable y acorde con la sensibilidad estética del espectador [...]* (OLIVEIRA, CHAGAS, p.182, 1983).

Ressaltamos a significativa preocupação com o público visitante e com a segurança do acervo, uma vez que a coleção contemplava um expressivo número de objetos em exposição:

[...] *La exposición permanente, calculada en 25.000 objetos, comienza por presentar los estados del Nordeste y los grupos étnicos que han contribuido a modelar al hombre de la región (y del Brasil en general), cuya biotipología presenta características propias[...]* (OLIVEIRA, CHAGAS, p.182, 1983).

A primeira exposição permanente do MUHNE vem sendo retratada por Oliveira e Chagas (1983) a partir dos diversos aspectos abordados, a saber, do material indígena obtido nos estados de Pernambuco e Maranhão, do habitat local com uma ampla coleção de material

recolhido de casas demolidas, coleção de lâmpadas, mostra a tecnologia nas telecomunicações no Nordeste, além da coleção de ex-votos, de pinturas e trabalhos de artistas locais. Em relação ao discurso expositivo da raça negra, na primeira exposição permanente do MUHNE, os autores fizeram a seguinte menção:

[...] también se presentan las divinidades de los ritos vudú afrobrasileños con sus trajes típicos y atributos correspondientes ... También se muestra el trabajo de los esclavos en que se basaba la economía del azúcar hasta las últimas décadas del siglo XIX, el contraste entre la casa del dueño del ingenio y la barraca de los esclavos, y los instrumentos de tortura al lado del mobiliário del salón de un propietario [...] (OLIVEIRA, CHAGAS, p.183, 1983)

Podemos perceber, no extrato anteriormente citado, que não houve maiores deferências à religião afrobrasileira que incluíssem as pesquisas de Waldemar Valente e seus achados acerca do Islamismo e do povo de Daome no campo das religiões de matriz africana aqui no Nordeste. Essa observação nos remete a refletir acerca da tendência trazida por Hall (2006) de representar, apoiado em uma identidade singular, e alinhar todas as outras como sendo uma “identidade mestra”, única e abrangente com o objetivo de basear uma política. Reconhecemos, também, que a representação dos escravos no discurso expositivo da raça negra da primeira exposição permanente do Muhne foi pautada em binários opostos, ao retratar a casa do senhor de engenho, de um lado, e a senzala de outro, bem como instrumentos de tortura foram expostos ao lado de mobiliários coloniais. Nesse sentido, Woodward (2007) vem argumentando que a maioria dos sistemas de pensamento se detém a dualismos para expressar a diferença, o que tem gerado oposições binárias e, conseqüentemente, um desequilíbrio de poder e certa valorização de um termo sobre outro.

4.1 Resultados das análises

As análises trouxeram Aécio de Oliveira, Waldemar Valente e Gilberto Freyre como sendo os sujeitos discursivos da pesquisa com base em Minayo (2008), tendo em vista que todos ocuparam posições de representação institucional, o que traz a questão da representatividade qualitativa do grupo na fala do indivíduo e ocorre porque há uma relação intrínseca entre o comportamento social e individual com os modelos culturais interiorizados. Essa observação nos remete à ligação entre identidade, diferença e representação examinada por Woodward (2007), bem como a análise desenvolvida por Hall (1997) na relação cultura e

significado: a difícil concepção de cultura impulsiona Hall (1997) a apropriar-se do termo na condição de um processo em que há produção e troca de significados entre os membros de um grupo. Woodward (2007) afirma, por sua vez, que entender os significados de um sistema depende da posição do sujeito produzida e como podemos estar posicionados, o que a leva a pensar acerca da representação por abarcar práticas de significação os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos e nos posiciona na condição de sujeito. Assim, os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e a partir dos quais podem falar.

Ainda no que se referem às análises, podemos observar uma linha argumentativa que traz as significativas justificativas de uma política da diferença em relação a uma política da identidade, a começar com a entrevista de Aécio de Oliveira e o exemplo dos açucareiros, de modo a trazer, em sua Memória Discursiva uma relação intrínseca entre o respeito à diferença e a questão da alteridade. Em seguida, a ideia de Silva (2007) de tratar a temática identidade e diferença a partir de um processo de produção e com estreitas ligações com as relações de poder e com as estruturas discursivas, cristaliza-se no discurso de Waldemar Valente, ao se tornar efetivo Diretor do Departamento de Antropologia, revela posicionamentos discursivos que impulsionam a diversidade no campo do conhecimento pela variedade de temáticas tratadas nas pesquisas. Essa perspectiva está fundamentada em Woodward (2007) ao argumentar que as práticas de significação produzem significados e envolvem relações de poder, de forma que o poder define quem está incluído e quem está excluído.

Isso posto, as análises revelaram que tais práticas discursivas já vinham sendo ensejadas por Gilberto Freyre, idealizador dos museus Antropológico e do Homem do Nordeste. No entanto, apesar do pluralismo, da multidisciplinaridade e do processo inovador no pensamento museológico de Gilberto Freyre, cristalizados na primeira exposição permanente do Museu, o discurso expositivo da raça negra, naquela exposição inédita, não contemplou a religião de matriz africana do Nordeste com os significativos achados de pesquisa realizada pelo Departamento de Antropologia e que poderiam incluir vertente oriental no culto afro-brasileiro. Além disso, utilização de binários oposicionistas na representação escravagista veio reforçar o que AD vem chamando de assujeitamento do sujeito como atributo à raça negra, visto que os binômios (ou oposições binárias, dualismos), conforme Derrida (1981), um dos termos é sempre valorizado mais que o outro. Nesse sentido, em uma oposição binária há um desequilíbrio necessário de poder entre eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa das conclusões, trazemos a questão de pesquisa “Como está representada a raça negra na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste?” cuja resposta aponta para uma representação norteadada por uma predominância de uma política da identidade, apesar da diversidade cultural reveladas nas coleções dos mais variados temas na primeira exposição permanente do MUHNE, o que revela existir intentos voltados para uma política da diferença. Abre-se, pois, uma avenida de pesquisa com a finalidade de investigar que práticas discursivas não contemplaram as contribuições significativas oriundas dos trabalhos científicos do Departamento de Antropologia que subsidiaram o aporte do Museu Antropológico e, junto com o Museu do Açúcar e somados ao de Cultura Popular, constituíram o Museu do Homem do Nordeste. Pesquisas como o Cadastramento dos Terreiros de Umbandas e Xangôs, no Grande Recife, poderiam revelar as principais nações de matrizes africanas que seriam representadas na memória cultural afro-brasileira. Adicionalmente, as influências Daomeanas, nos grupos de Culto Afro-Nordestino, e o Islamismo em Pernambuco, nas religiões Afro-Brasileiras, foram outras pesquisas realizadas pelo Departamento de Antropologia do IJNPS que poderiam subsidiar a representação cultural do povo oriental enraizado na formação do homem do Nordeste.

Outro ponto que merece ser discutido aborda a representação do negro apoiada em binômios opostos. O pensamento dualista vem sendo um instrumento de exclusão cultural, uma vez que divide o mundo em dois polos. Ora, se for concebido o mundo, por exemplo, em branco e preto, como ficariam as demais cores? Seriam silenciadas? Apagadas? Ao retratar a senzala do escravo ao lado da casa de engenho, reforça a subjugação de um pelo outro. Similarmente, o retrato que contempla os instrumentos de tortura, de um lado, e o mobiliário colonial de um salão, em outro, também revela uma relação entre elementos de uma oposição binária e envolve um desequilíbrio necessário de poder entre eles, em que o mais forte se sobressai.

Este estudo traz contribuições multidisciplinares ao se posicionar a favor do predomínio de uma política da diferença em detrimento de uma política da identidade. Nesse sentido, há contribuições para a área dos estudos organizacionais, especificamente para a Administração de Marketing que, neste período de vigência da Sociedade Pós-Industrial, o Marketing Contemporâneo busca diversificar produtos e serviços com o intuito de atender os

clientes customizados, o que pode ser subsidiado por uma política da diferença nas organizações em geral. Diferentemente do Marketing Moderno, da Sociedade Industrial, que buscava atender os clientes a partir de produção em massa, de forma a agrupá-los e reconhecê-los dentro de uma única identificação, em uma identidade “mestra”.

Ainda dentro dos Estudos Organizacionais, a área de Administração de Recursos Humanos pode ser beneficiada por este estudo no sentido de fazer pensar “fora da caixa” quando as organizações, em especial as do âmbito público, gestam seus funcionários por meio de nomenclatura de cargos e funções, ou seja, orientam-se por uma política da identidade, o que pode estar subutilizando talentos propulsores de processos criativos e inovadores acanhados em uma identidade funcional una, estável e fixa.

Outra área de conhecimento que este estudo pode contribuir aponta para a Ciência Política, já que é por meio da representação que, tanto a identidade, quanto a diferença, se conectam-se aos sistemas de poder. Por indução, quem tem o poder de representar tem o poder de estabelecer e adotar a identidade.

Mais uma área de conhecimento que este estudo pode contribuir, abarca a Museologia. Ao detectar falhas ou ausências institucionais em uma determinada exposição museológica, o posicionamento deste estudo, a favor de uma política da diferença, estará incrementando a gestão museológica das organizações museais, em prol de um acervo mais rico de informações e mais completo para trato com seus usuários/visitantes.

Definitivamente, a área de conhecimento da Educação não poderia deixar de ser beneficiada por este estudo, uma vez que a compreensão de uma política da diferença transformar-se prevalente no campo museal impele a equipe de monitoria de uma organização museal a se tornar mais crítica, com mais conhecimento em temáticas diversas.

REFERÊNCIAS

BARKER, C.; GALASINSKI, D. **Cultural studies and discourse analysis**. Sage Publications Ltd. 2001.

BAUDRILLARD, J. **Simulations**. New York: Columbia University Press, 1983.

BAUER, M. W.; AARTS, Bas. A Construção do Corpus: Um Princípio para a Coleta de Dados Qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2002.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP.: Editora da Unicamp. 2004.

COSTA, A. de S. M.; VERGARA, S. C. Estruturalista, pós-estruturalista ou pós-moderno? Apropriações do pensamento de Michel Foucault por pesquisadores da área de Administração no Brasil. In.: **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**. v.6.n.13.p.69-89. 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª. Ed. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, John W. **Qualitative inquiry and research design: choosin among five approaches**. Thousands Oaks: CA. Sage.2007.

CRUZ, H.V.; CASTRO, E.J. Dona Santa e Maracatu Elefante: memórias e musealização de um reinado. In.: Maria Elisabete Arruda de Assis; Tais Valente dos Santos, (Org.). **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Massangana/Fundaj. v.1. 2016. p.194-219.

DAVIS, Aeron. Investingating cultural producers. In.: PICKERING, M. **Reseachers Methods for Cultural Studies** . Edinburgh University Press. p. 56-57.2008.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41. 2010.

DERRIDA, J. **Positions**. Chicago.University of Chicago, Press. 1981.

DOSSE, F. **A história do estruturalismo**. Santa Catarina: Edusc. v.1.2007.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, C.A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Editora Claraluz. 2008.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREYRE, G.de M. Importância didática de um museu. In.: **O Cruzeiro**. Rio de janeiro, 1963.

GIDDENS, A. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GIDDENS, A. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M W.; GASKELL, G. (edt.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, p. 244-270. 2008.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora Ufmg. 2008.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HATCH, Mary Jo; CUNLIFFE, Ann L. **Organization theory: modern, symbolic and postmodern perspectives**. Oxford university press, 2012.
- HARVEY, D. **The condition of post-modernity**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- JOHNSON, R. O que é, afinal, estudos culturais? In.: SILVA T.T. (Org e Tra). **O que é, afinal, estudos culturais?** 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica.2006.
- JUCÁ, Joselice. **Fundação Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo**. Recife: Editora Massangana, Fundaj, 1991.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics**. London: Verso, 1985.
- LACLAU, E. **New reflections on the resolution of our time**. Londres, Verso. 1990.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E.G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, p. 169-192. 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MINAYO, Maria C. Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- OLIVEIRA, A. de; CHAGAS, M. de S. Uma experiência tropical: el museo del hombre del nordeste. In.: **Museum: museos etnograficos: principios y problemas**. Paris. Unesco.v. XXXV.n.3.1983.
- ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2.ed.Campinas, Pontes, 1987.
- ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual prático**. 2 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002, cap. 14, p. 343-364.
- RUOSO, C.; CRUZ, H. de V. Notas sobreo arquivo institucional do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco (Recife, Pernambuco). In.: **I Seminário Brasileiro de Museologia**, BH, Minas Gerais, 2014.
- SARDAR, Z; LOON, B.V. **Estudios culturales para todos**. Paidós, Barcelona. 2005.
- SARDINHA, A.B. Corpus linguistics: history and problematization. In.: **Delta**. V.16.n.2. p.323-367.2000.

SAUKKO, Paula. **Doing Research in Cultural Studies**: an introduction to classical and new methodological approaches. London: Sage publications: 2003.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.(org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SINCLAIR, J. **Corpus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford University Press.1991.

SOUSA, J.L.; PAIVA JÚNIOR, F.G. **Empreendendo no setor público**: a dinâmica da Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Massangana/Fundaj. 2012.

STAKE, R. E. **Investigación com estúdio de casos**. 2ª. ed. Madrid: Ediciones Morata, S. L. 1999.

TOLBERT, P. S.; ZUCKER, L. G. A institucionalização da teoria institucional. In CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998. Vol. 1.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.